



MULHERES CAMPONESAS, AGROECOLOGIA E SAÚDE

Ciências da Saúde

Autores: Vanderléia Laodete Pulga¹; Adriana Maria Mezdri².

Resumo:

Trata-se da sistematização do Projeto de Extensão “Promoção da Autonomia e Saúde das Mulheres Rurais e a Prática Agroecológica” desenvolvido pela Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Passo Fundo junto com as mulheres camponesas dos diversos estados do Brasil, de alguns países, a articulação entre universidades e organizações que atuam com mulheres camponesas, visando a construção da autonomia e saúde das mulheres a partir da prática agroecológica. Foi desenvolvido a partir de Seminários internacionais e oficinas nacionais de capacitação das mulheres como multiplicadoras e dinamizadoras de mudanças na produção de alimentos e no cotidiano de suas vidas promovendo saúde e autonomia e novas relações humanas e com a natureza e melhorando a qualidade de vida das mulheres camponesas. O processo possibilitou a articulação das mulheres, as inovações em agroecologia, a sistematização de parte das experiências em livro e a continuidade do projeto.

Palavra-chave: Saúde; Agroecologia; Mulheres Camponesas.

Introdução e objetivo

Esse Projeto surgiu da necessidade das mulheres camponesas de incidir sobre o cotidiano de vida onde as marcas de uma formação colonial de tipo patriarcal são ainda mais intensas no campo. Por isso, a histórica desigualdade de gênero atinge de forma particular as mulheres rurais, provocando uma série de consequências no que se refere ao sofrimento e adoecimento dessas mulheres.

1 Vanderléia Laodete Pulga, docente de Saúde Coletiva no Curso de Medicina, Campus Passo Fundo/RS.

2 Adriana Maria Mezdri, estudante Curso de Educação do Campo, Campus Erechim.



II Seminário Integrador de Extensão



É por meio da auto-organização para a conquista da autonomia financeira e política, que as mulheres se reconhecem como sujeitos de direitos, rompendo com o anonimato, a desvalorização e a invisibilidade.

Assim, buscou-se contribuir no fortalecimento de grupos de trabalhadoras rurais que realizam ações voltadas à promoção da autonomia e da saúde que fortalecem o protagonismo político e produtivo das mulheres, tais como: valorização do trabalho das mulheres na transição agroecológica, promoção de igualdade de gênero e etnia, auto-organização, promoção da saúde, enfrentamento à violência contra mulheres no campo e desnaturalização da divisão sexual do trabalho. A proposta do projeto se insere no conjunto de diretrizes do Programa de Organização Produtiva de Mulheres Rurais e vem atuando no eixo da formação e capacitação das mulheres assim como, no eixo da socialização de experiências.

Metodologia

Esse Projeto internacional de extensão que promove autonomia e saúde de mulheres latino-americanas e africanas com ações integradas em dois eixos estruturantes, a saber: a) Atividades de formação/capacitação sobre autonomia, saúde e agroecologia para as mulheres trabalhadoras rurais, através da realização de seminários internacionais, com a participação de mulheres camponesas brasileiras, da América Latina e África, sobre práticas inovadoras na construção da autonomia das mulheres e promoção da transição agroecológica na América Latina e África e pelo intermédio da realização de oficinas sobre organização autônoma, agroecologia, saúde, gênero e economia feminista; b) Socialização de experiências de fortalecimento da autonomia de mulheres rurais, por meio da produção agroecológica, através sistematização e elaboração deste livro.

Iniciou em dezembro de 2016 através da realização da oficina nacional que construiu as bases para o I Seminário Internacional com a participação de 40 mulheres camponesas brasileiras, da América Latina e África para aprofundar sobre a organização produtiva, a produção de alimentos saudáveis e a promoção agroecológica que ocorreu em 2017. Na ocasião, as mulheres apresentaram a situação que vivenciam em cada um dos países e também as experiências de auto-organização produtiva, produção de alimentos saudáveis e agroecologia. Após, ocorreram as reuniões da equipe técnica, a segunda



oficina nacional, o II Seminário Internacional, a terceira oficina nacional e o processo de elaboração do livro com a sistematização das experiências das mulheres camponesas.

A realização deste Projeto se insere num contexto histórico-atual marcado por grandes transformações mundiais, que vêm se desencadeando desde a década de 1970, com a crise de superprodução que coloca em xeque o padrão produtivo taylorista/fordista, trazendo consequências para o Brasil e, é claro, para as políticas sociais. Em nosso país, os efeitos se fazem sentir desde os anos 1980, porém, mais intensamente a partir de 1990, com o reordenamento econômico no contexto de mercado e com base na ideologia neoliberal. No caso brasileiro, vem marcado pelo tensionamento entre o aprofundamento desse projeto neoliberal e a construção de bases democráticas e populares de enfrentamento e superação do mesmo na perspectiva do desenvolvimento sustentável com base agroecológica e com justiça social.

Esse processo mundial vem produzindo uma série de consequências e impactos sobre os países em desenvolvimento e sobre as classes populares, de modo peculiar sobre as mulheres e sobre a saúde da população. (PETRAS, 1999)

Experiências de resistência e de inovação vem sendo construídas nas últimas décadas como sinais em lutas libertárias e nas conquistas de governos populares, democráticos e de inclusão social. Entretanto, em meio às contradições dessas experiências e o avanço dos interesses internacionais dos setores econômicos e financeiros, o Brasil vive momentos de retrocessos sociais marcantes que poderão produzir muito mais desigualdades das já existentes.

A pobreza e a fome, aliadas à sobrecarga de trabalho, à violência, à opressão e à discriminação, têm sido alguns dos efeitos graves sobre a vida das mulheres. (SAFIOTTI, 1995; 1997). As condições de vida a que elas vêm sendo submetidas, historicamente, e, de modo mais intenso, nas últimas três décadas, trouxeram sérias consequências para a sua saúde e também para a saúde das crianças e de pessoas pertencentes às classes populares.

As populações do campo resistem para sobreviver num contexto de expropriação da biodiversidade. As potencialidades do cuidado para com a vida e a saúde dessas populações a partir da experiência das mulheres camponesas na produção de alimentos saudáveis e da prática agroecológica é fundamental para as famílias camponesas.



Desenvolvimento e processos avaliativos

O projeto foi construído e desenvolvido de forma coletiva com as mulheres camponesas e possibilitou o encontro de mulheres camponesas de vários estados do Brasil, expressando a diversidade e experiências de mulheres camponesas de todas as regiões brasileiras. Além de camponesas do Brasil, o projeto contou com mulheres camponesas de Moçambique que trouxeram sua experiência na organização dos camponeses no país, o trabalho e as trocas com mulheres do Brasil na recuperação de sementes crioulas e produção de alimentos saudáveis e na promoção da organização de mulheres e a importância delas na agricultura, trazendo também os desafios que ainda tem na África sobretudo para organizar as mulheres, as leis de seus países que não dão direito a posse da terra as mulheres, a poligamia permitida, dificuldades de participação política das mulheres e outros desafios locais.

Participaram ainda do projeto mulheres do Paraguai e Chile, mulheres camponesas e indígenas que trouxeram suas experiências em cursos e escolas de formação de mulheres em agroecologia, de produção de mulheres e os desafios com o pouco acesso à terra, o alto uso de agrotóxicos nos países e falta de políticas para as mulheres.

O projeto teve um caráter representativo de mulheres com finalidade de formação para que as mesmas sejam multiplicadoras dos debates e dos temas com mais mulheres de seus estados e países para que tenham um maior alcance a discussão da necessidade e formas de organização produtiva das mulheres, a produção de alimentos saudáveis por meio de práticas agroecológicas, garantindo a segurança e soberania alimentar das famílias e gerando renda e autonomia das mulheres envolvidas, pois elas se sentem sujeitas de processos de transformação, tendo valorizado seu trabalho e seus conhecimentos, os quais têm a capacidade de repassar a outras mulheres, podem levar mulheres, agricultores e estudantes para visitar suas unidades de produção mostrando que é possível produzir de maneira agroecológica e viver no campo com qualidade de vida e com dignidade isso gera nelas uma autonomia fundamental para que muitas mulheres se libertem de situações de violência doméstica, de dependência financeira dos maridos ou pais, constroem processos de libertação e transformação da vida das mulheres camponesas.



Considerações Finais

Foi um desafio a realização da sistematização das experiências e elaboração de artigos para a publicação do livro, foi um importante processo de superação das próprias participantes do projeto quem garantindo a diversidade das regiões brasileiras sistematizaram e escreveram sobre suas vivências de organização produtiva das mulheres camponesas, mas principalmente trouxeram a importância desta organização das mulheres, da importância da conscientização da produção de alimentos saudáveis, da agroecologia, das sementes, das plantas medicinais, da água, da terra, dos conhecimentos que elas carregam e reproduzem assim como a importância do acesso a direitos das mulheres do campo, do acesso à educação no campo e para o campo, do direito a aposentadoria para as mulheres rurais, documentação para as mulheres trabalhadoras rurais, saúde pública de qualidade para as mulheres no campo, de políticas públicas de incentivo à produção e renda das mulheres rurais: crédito, quintais produtivos, assistência técnica preparada para trabalhar com as mulheres. Permitiu um importante intercâmbio entre universidade e as mulheres camponesas, as mulheres puderam estar no ambiente acadêmico e levantar os temas que consideram relevantes e fundamentais para suas vidas, demonstrar a realidade em que vivem e as propostas que apresentam para poder seguir vivendo no campo com dignidade. Dessa forma, a universidade pôde ter contato direto com a realidade das mulheres camponesas e conhecendo de perto pode contribuir na elaboração acadêmica de dados, de discussões teóricas sobre a produção e discussão política que estas mulheres fazem em sua prática cotidiana na formação em saúde no curso de medicina e na Residência Multiprofissional em Saúde, para a educação do campo no sentido de compreensão das ações em saúde junto a população do campo e da floresta e das mulheres.

Referências:

PETRAS, James. **Neoliberalismo: América Latina, Estados Unidos e Europa**. Trad. Ana Maria Ruediger Naumann. Blumenau/SC: Ed. Furb, 1999.

SAFIOTTI, Heleieth I. B.; ALMEIDA, Suely Souza de. **Violência de gênero: lugar da práxis na construção da subjetividade**. São Paulo: Neils. PUC-SP, 1997.